

Kierkegaard, o "tratado do desespero" e a medicina mentis

Kierkegaard, the "treatise of desperation" and the medicina mentis

Bento Itamar Borges

bentoib@ufu.br

Professor Doutor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

Espinosa, Locke, Berkeley e Hume dedicaram tratados mais ou menos breves à reforma do entendimento humano ou a projetos semelhantes. Ao explicar Descartes, Alexandre Koyré entende que todos esses escritos pertencem ao gênero dos "tratados do método", inclusive sob designações disfarçadas, como *ensaio*, *investigação* e *discurso*. Ao elogio do método correspondia, nos séculos XVI e XVII, a desconfiança do exercício não-dirigido da razão, o medo do espírito humano tolhido por preconceitos, "ídolos" e ilusões. Tais tratados são esforços da *medicina mentis*; nesse sentido, um tratado seria um tratamento. Koyré, no século XX, incorre ainda nos exageros racionalistas do elogio ao método, em detrimento do ensaio. Sua infeliz avaliação de que Montaigne teria escrito um *tratado do desespero* inspira-nos a analisar obra de Kierkegaard, de 1848, publicada na França como *Tratado do desespero*. Kierkegaard, leitor de Montaigne e escritor compulsivo, sabia que o projeto das grandes obras é uma mania de intelectuais infelizes. Kierkegaard preferia a ironia e o disfarce e suspeita-se que tal obra não seja um tratado.

Palavras-chave: Kierkegaard, tratados, gêneros literários.

Abstract

Espinosa, Locke, Berkeley and Hume wrote extensive or short treatises in order to propose mending human understanding or similar projects. Alexander Koyré, while explaining Descartes, stated that such texts should be included under "treatises of method" and this stands also for those ones disguised as *essays*, *inquiries*, *discourses* etc. Praising method used to come together with a lack of confidence in abuses of reason, because human spirit could be suffering under prejudices, "idols" and delusions. Such treatises were efforts of a certain *medicina mentis* [mind healing]; in this way, a treatise was supposed to be like a therapeutic treatment. Koyré, late in XXth century seems to exaggerate by saying that Montaigne's essays should be called a "treatise of desperation" and this calls our attention, because French editors and translator had given the same title to an important Kierkegaard's work, which means originally simply "Sickness to death". It deals with hope and despair, but Kierkegaard's irony is also in a book that may not be a proper treatise.

Key words: Kierkegaard, treatise, literary gender studies.

1. Exórdio

Sygdomme til doede, título original de uma obra do dinamarquês Kierkegaard, sugere uma semelhança com "Sickness till death". De fato, em inglês tal expressão viria a ser "sickness to death" ou "sickness unto death", o que deveria ser traduzido por nós como "doença até a morte" ou

“doença em direção à morte”. A tradução do lusitano Adolfo Casais Monteiro para esse título foi *O Desespero Humano*. A idéia original reaparece no subtítulo, “Doença até a morte”, que na edição da editora Abril Cultural vem entre parênteses. Parece-nos relevante observar que o termo “tratado” figura no título da publicação francesa (Gallimard, 1949/1990); o *Traité du désespoir* foi traduzido por uma dupla que inclui, a julgar pelos nomes, um dinamarquês e um francês, ou um falante da língua francesa, enfim: Knud Ferlov e Jean-Jacques Gateau.

A obra em questão, em ambas as traduções, começa com um prefácio, seguido de um exórdio, que é a primeira parte da *dispositio*, ordenação adequada de idéias de um discurso retórico. Em homenagem aos 400 anos do Pe. Antonio Vieira, cabe-nos lembrar aqui de seus sermões duplamente exemplares. De alguns esboços seus, não desenvolvidos ou perdidos, restaram tais intróitos, que, de tão densos, valem já como pequenos sermões. Embora alguns teóricos da retórica, como Rafael Bluteau, façam equivaler a exórdio os vocábulos prefação, preâmbulo e prefácio, parece-nos que a redução é equívoca. Kierkegaard, que dispunha de uma visão sofisticada da variedade de gêneros e de sua alocação conveniente, empregou um prefácio e um exórdio, antes de entrar em sua exposição do desespero. O prefácio é um acréscimo anteposto por exigência das circunstâncias editoriais, externas ao tema, ao passo que o exórdio visa a obtenção da complacência do público, variando conforme a composição deste. Este segundo recurso presta-se mais aos gêneros orais. O texto impresso, sem a audiência presencial, supõe um público universal e virtual, que, todavia, fica fora do alcance imediato dos objetivos persuasivos e deliberativos dos gêneros retóricos clássicos.

A primeira parte do presente texto, ao contrário de um típico exórdio, contém uma evasiva. Poderia soar lacônica a provocação de um assunto, logo abandonado ou adiado. Neste caso, anuncia-se a possibilidade de um ensaio sobre a aproximação entre Kierkegaard e Montaigne, o que seria bem encaminhado pelo viés de considerações técnicas e estéticas sobre as esculturas em bronze que representam ambos autores. Fundidas em épocas diferentes, sob a responsabilidade de escultores diferentes, tais obras de arte para jardins apresentam paralelismos instigantes: ambos estão sentados em poltronas, segurando cadernos de anotações ou com livros ao lado, e ambos parecem mirar para sempre um edifício que simboliza a vida de cada um: Montaigne, com um sorriso tranqüilo desdenha de longe a Sorbonne, incompatível com seu anti-academicismo; Kierkegaard olha desolado ou resignado a parede da casa em que viveu sua noiva Regine Olsen.¹

Parece pouco provável que Kierkegaard tenha lido Montaigne no original francês, mas ele certamente dispunha de uma cópia da tradução alemã dos *Essais*, publicados em Berlim entre 1793 e 1797. Segundo os *Papirer*, Kierkegaard teria começado a ler a sério os “pensamentos e opiniões” de Montaigne, no ano de 1847, época de sua primeira citação do nobre francês: “Quem espera punição, sofre-a; e quem a merece espera por ela” (*Essais*, livro II, cap. V)² Essas palavras

¹ Hoje, por meio de um sistema de buscas como o *google* e o *google earth*, é fácil localizar fotografias dessas esculturas e os mapas de sua localização. A estátua de Kierkegaard foi feita por Louis Hasselriis (1844-1912) e está em Copenhague. O autor da estátua de Montaigne, erigida em 1933 ou 1934, é o francês Paul Landowski (1875-1961), que é também o autor de nosso monumental Cristo Redentor, no Rio de Janeiro (1931).

² 'Quiconque attend la peine, il la souffre; et quiconque l'a méritée l'attend' (*Essais*, 11. v); 'Jeder Mensch der eine Strafe erwartet, leidet sie;

reaparecem, levemente modificadas, em *Christian Discourses* [Discursos cristãos], publicação do ano seguinte, 1848. Essas informações estão em uma amostra da obra de Ronald Grimsley, que dedica um capítulo a Montaigne e Kierkegaard. (GRIMSLEY, 1966) Tenho que passar ao tema proposto, o tratado, e não devo prolongar-me nesse levantamento da presença de Montaigne em Kierkegaard – o que, parece-me, ocorre também na obra *Enten Eller*.

2. Os tratados, segundo Alexandre Koyré

O *Tratado da reforma do entendimento* foi deixado inacabado por Espinosa, que se perdeu em ocupações diversas e foi, por fim, surpreendido – como temia Montaigne – pela própria morte, desculpa última dos editores, que não se deveriam limitar a razões externas à obra. Na avaliação de Koyré, enquanto o *Breve tratado* foi reescrito e refundido na própria *Ética*, “o *Tratado da reforma do entendimento* não teve o mesmo tratamento; o *Discurso do método* de Espinosa permaneceu não escrito. E não parece que a falta de tempo explique isso.” (Koyré, 199, p. 14)

Estudiosos já compararam o referido tratado de Espinosa a obras de Descartes. Koyré, por exemplo, concede que “todos esses escritos pertencem ao gênero dos ‘tratados do método’ que proliferaram no decurso do século XVII, à época da crença no método.” É sintomático também o emprego de “entendimento” ou termos correlatos para a categoria daquilo que, em geral, se pretenda reformar ou regulamentar, em títulos daquele século – e cremos que Koyré concordaria em aceitar também alguns do século seguinte sob sua classificação: *Ensaio acerca do entendimento humano*, de Locke, 1690; *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano*, de Berkeley, 1710; *Investigação sobre o entendimento humano*, de Hume, 1748. As variantes *ensaio* e *investigação* não alteram nossa análise, com base na tese de Koyré, e há ainda outras denominações, como *discurso*, ostentadas também em tais *tratados do método*.

A época áurea dos tratados do método era confiante nas potências “nativas” do espírito, ao mesmo tempo em que colocava sob suspeita o exercício não-dirigido da razão. Descartes já admitira que nas coisas do espírito não levaria vantagem sobre ninguém, embora pudesse utilizar com sucesso seu método para obter conhecimentos científicos. O século do método pregava uma cruzada de libertação do espírito humano, até então tolhido por preconceitos, “ídolos”, escórias e ilusões, contra o que “bastava ‘curar’ ou ‘purificar’ a mente para que, espontaneamente, pudesse atingir a verdade”, afirma Koyré, explicando o caráter moral da concepção dominante de então, quando se pensava igualmente que era preciso fortalecer o espírito através de “regras” a fim de protegê-la da recaída no erro. O *Tratado da reforma do entendimento* é uma catarse do espírito, uma “*medicina mentis*”, rótulo que também se aplica às *Meditações* e ao *Novum organum*.

A propósito, *Medicina Mentis* é o título de um tratado publicado por Tschirnhaus, em Amsterdã, em 1687 (Koyré, 1992, p.17), exatamente meio século depois do *Discurso do método*, oferecido por Descartes como prefácio a uma coletânea com três tratados científicos – sobre a Dióptrica, os Meteoros e a Geometria. Descartes chamou-os “ensaios”, ao entendê-los

und ein jeglicher, der sie verdient hat, erwartet sie! (*Gedanken*, &c. iii. 184). Texto e nota retirados de <https://qa.questia.com/PM.qst?a=o&d=24920384>, em 11/11/2008.

corretamente como “ensaios daquele método” que o *Discurso* propunha ou elogiava *a posteriori*, embora fossem bastante extensas as exposições – a obra original tinha 527 páginas.

A exemplo do *Discurso* de Descartes, o tratado de Espinosa contém um relato autobiográfico. Contudo, observa Koyré que “não é a sua história pessoal que Espinosa nos revela. Trata-se da experiência comum e geral do homem, da sua experiência profunda e essencial: ‘que é tudo aquilo que não é eterno?’” Assim, o *Tratado da reforma do entendimento* não está para o *Discurso do método*, como também a *Ética* não está para a *Dióptrica* ou a *Geometria*, pois, além de impossível, seria inútil uma “introdução metodológica à ética”, pois tal introdução é já, na verdade, a primeira parte da *Ética* – “não se começa pelas regras; começa-se a pensar. Não se aprende a nadar em terra enxuta, atira-se à água.” (Koyré, 1992, p.18)

Os tratados do método, comentados por Koyré, são geralmente dissertativos, ao passo que os clássicos tratados *de* alguma coisa são descritivos, como é o caso daquele em que Aristóteles descreveu para seu pupilo Alexandre “como era o mundo”. O texto exhibe o domínio de um conhecimento que auxiliaria o príncipe a dominar de fato boa parte do mundo conhecido. O macedônio, estrangeiro que talvez trouxesse desordem à parlamentação ateniense, queria, contudo, a ordem. Ou era, antes, a ordem das coisas que exigia seu registro por escrito, sob as condições adicionais que o gênero adequado implica.

3. O “tratado do desespero” atribuído a Montaigne

Ao comemorar três séculos de racionalismo cartesiano, o filósofo russo Koyré empolga-se com a efeméride e aproveita para tirar o mérito dos ensaios de Montaigne, que seu mestre Descartes teria ultrapassado. É verdade que varia entre desiludido e apocalíptico o tom de alguns volumes de ensaios e aforismos mais recentes, como é o caso de obras de Adorno e Horkheimer, bastante parecidas e com datas próximas: *Mínima Moralia* e *Ocaso*. Não podemos, contudo, aceitar uma rotulação psicológica para explicar o contexto de surgimento de textos fragmentários, como se fossem *frutos anões*, azedados nos intervalos de uma longa obra séria, madura e de relevância acadêmica; os ensaios e aforismos provaram-se legitimamente filosóficos e, em certos períodos, foram os únicos gêneros capazes de veicular e promover a reflexão, ameaçada pela barbárie e pela grandiloquência da totalidade, a que resistiram bravamente tais textos breves e quase sempre densos.

Montaigne, segundo o cartesiano Koyré, teria escrito um *tratado do desespero* com seus ensaios. Desespero *no* método: Montaigne não teria tido esperança no método, no emprego de sua razão pelos caminhos corretos, a perseguir idéias claras e distintas. Os primeiros tratados sobre o método, nos séculos XVII e XVIII, propunham-se, portanto, ser terapia contra os desvios da razão e os ídolos do conhecimento: *medicina mentis*. Um tratado seria, então, um *tratamento*. Eu já havia elaborado esta frase tão oportuna em meu livro sobre ensaios filosóficos, publicado há quatro anos, (Borges, 2004) mas só agora leio em Kierkegaard que “o desespero é a doença e não o remédio”. Essa linha de leitura e pesquisa seria interessante, pois se os tratados dos séculos XVII e XVIII queriam evitar os males que assolam a mente, Kierkegaard, no século seguinte, fez do

desespero o tema de sua exposição, sabendo de antemão da incapacidade do método: não podemos escapar das doenças do pensamento nem do mal do século por meio de decretos epistemológicos – e muito menos com pretensos expedientes de efeito retroativo, como quer Koyré. Descartes, por acaso, fingiu refletir sobre o método de que devia ter lançado mão apenas *depois* e por causa do sucesso obtido?

Feyerabend já nos mostrou como Galileu blefava. Caso não queiramos ver em Descartes mais um adepto precoce do *tudo vale*, tampouco nos obrigamos a avaliar Montaigne pelo critério da confiança na razão pretensiosa, amparada por um método reconstruído. E se alguém acha que esta minha argumentação exagera, cito as últimas linhas do capítulo primeiro do elogio de Koyré: “O *Discurso* responde aos *Ensaio*s. À história espiritual de Montaigne, Descartes opõe a sua própria. À história de uma derrota, o relato de uma vitória”. (Koyré, 1992, p. 24)

Sem querer duelar com os monstros sagrados, como dizia Montaigne, provooco o menor dos três, Koyré, pois, embora seja verdade que o *Discurso do Método* inclui elementos autobiográficos, eu não recomendaria expor episódios nebulosos da vida do aventureiro Descartes em terra estrangeira. Ele teria treinado soldados de Nassau no uso da espada. E poderia ter vindo ao Brasil colonizado, como insinuou Paulo Leminski, em seu delirante romance *Catatau*. Ora, Montaigne exercitava-se na arte da esgrima, como passatempo elegante e talvez sua história espiritual não fosse desesperada, o que também vale, sob circunstâncias diferentes, para o sofisticado *dândi* dinamarquês Soren Kierkegaard.

Deixemos a doença e o método para projetos na gaveta e voltemos ao elemento que tanto nos motiva a ler Kierkegaard: a ironia. Assim como Montaigne, que se propunha a escrever para pessoas como ele mesmo, de sua estatura, nem muito eruditas e nem muito idiotas, Kierkegaard abre seu prefácio com uma ressalva que deveria funcionar como armadilha para os pedantes:

“É possível que esta forma de ‘exposição’ [aspas de Kierkegaard] se afigure a muita gente, singular; que pareça demasiado severa para ser edificante, demasiado edificante para ter rigor especulativo. Se é demasiado edificante, não sei bem; demasiado severa, suponho que não; e se o fosse, seria, a meu ver, um defeito”. (Kierkegaard, 1979, p. 189)

Além disso, Kierkegaard brinca com as credenciais do autor: “Em certo sentido, portanto, um estudante de teologia teria podido ser o autor deste livrinho, ainda que, em outro sentido, talvez nenhum professor o tivesse podido escrever”.(Kierkegaard, 1979, p. 279)

Kierkegaard parece desprezar igualmente o estilo solene, mas dá demonstrações de grande esmero, desde a abertura com o *exórdio*, através de todo o apelo exclamativo à audiência e das perguntas lançadas, como em diálogos, até chegar a algum tipo de “peroração”, na páginas finais. Ao arrematar sua peça destinada à pregação, encaminha a condenação do escândalo – negar Cristo, como se fosse fábula ou mentira – qualificado, sem mais delongas, como “pecado contra o Espírito Santo”.

4. Tratados, disfarces e paródias

O primeiro Wittgenstein viria a lançar mão de semelhante artifício ao anunciar como um *Tractatus*, obra que mais se parece com uma coletânea de “suras do Alcorão ou dos livros da Bíblia, com a divisão em versículos”, cheio de equações e desvios que aproximam, por exemplo, o estético e o ético, como “inefáveis” que, contudo, se mostram. Destrói-se ali o estereótipo do tratado, a saber, obra de consulta escrita sob a autoridade de um catedrático, que fala tudo o que é sabido sobre um assunto. Esse é um *Tractatus* que recomenda, no limite, calar-se, ou seja, não tratar do assunto até esgota-lo, como supõem os pretensiosos, mesmo ao se safarem dessa pretensão. O prefácio do autor apenas complica e dramatiza a auto-compreensão do gênero e do alcance da obra, pois, quando Wittgenstein ali afirma: “Sou por isso da opinião de, essencialmente, ter encontrado a solução final dos problemas”, (Wittgenstein, 1987: XI) está jogando com o *status* de obra definitiva, típico do tratado, que lhe permitiria, de fato, calar-se e até afastar-se da filosofia, o que, na verdade, fez por alguns anos.

No início do prefácio, Wittgenstein prepara uma cilada, semelhante a de Kierkegaard, cheia de subjuntivos:

“Este livro será talvez apenas compreendido por alguém que tenha uma vez ele próprio já pensado os pensamentos que são nele expressos – ou pelo menos pensamentos semelhantes. Não é, pois, um livro de texto. O seu fim seria alcançado se desse prazer a quem o lesse compreendendo”.(Wittgenstein, 1987, p. 27)

Todavia, na página seguinte, a indiferença de Wittgenstein parece anular a expectativa que acabara de criar, pois agora importa justificar a falta de referências bibliográficas em um obra que parece flutuar fora da história da filosofia: “(...) porque me é indiferente se o que pensei já foi pensado por outrem antes de mim”.(Wittgenstein, 1987, p. 28)

Assim como Wittgenstein anunciou em latim o título de um “tratado” escrito em alemão, que, no prefácio já se predispõe a ser desmascarado como obra de outro gênero, Derrida também prestou homenagem a tais “mosaicos medievais”³, pois o título de sua obra *Do espírito* remete a um tratado de Helvétius. O livro de Derrida não surgiu como tal, pois foi antes uma conferência, pronunciada em Paris, em 1987. Todavia, a referência a uma obra de 1758 é auto-destrutiva em outro sentido: o livro de Helvétius foi queimado em praça pública – e isso deve ter sido imaginado como um bom começo para um discurso que teve por objetivo desconstruir o sentido do termo *espírito* em três momentos diferentes da vida de Heidegger.

5. Balanço provisório e anedotas finais

Seria academicamente honesto, porém decepcionante, limitar-me ao final desta comunicação⁴ à afirmação de que a obra de Kierkegaard, *Sygdomme til doede*, não é um tratado, mas, sim, um sermão. Prolongo-me um pouco mais para uma correção, uma justificativa e algumas contribuições.

³ Expressão utilizada por Walter Benjamin para definir tratado.

⁴ Originalmente, uma comunicação apresentada na IX JORNADA DE ESTUDOS DE KIERKEGAARD, novembro de 2008, CCHLA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB

Acrescento à versão final deste texto parte do debate que se seguiu a sua exposição: a obra de Kierkegaard, que ganhará em breve nova tradução para o português, sob o título *Doença para a morte*, fiel ao original, *não é um tratado e nem tampouco um sermão*, pois Kierkegaard não chegou a ser investido no cargo de pastor oficial da igreja protestante dinamarquesa. Assim, seu texto, jamais proclamado desde um púlpito, pode ser qualificado, de forma mais breve, como um “discurso edificante”.⁵

Esta comunicação foi motivada pelo interesse em defender Kierkegaard e Montaigne de uma mesma injustiça: a redução a um certo cartesianismo, que, no caso de Koyré, é explícito e triunfalista e, no caso dos tradutores e editores franceses da obra de Kierkegaard, deve ser um reflexo dessa mania entranhada na formação intelectual francesa, com ramificações nas colônias. E é por isso que achei relevante falar do copo de sorvete lançado sobre a cabeça da estátua de Montaigne, exposto, do lado de fora da Sorbonne, à ignorância dos turistas ou à revolta dos candidatos excluídos por aquela famosa escola.

Não sei até que ponto vai o ataque de Kierkegaard contra o cartesianismo, mas a ironia não deve ser medida por sua quantidade. E, sem uma estatística para tais ocorrências de fundo bibliográfico, destaco apenas uma oportuna amostra de como o autor dinamarquês antecipou-se aos cartesianos do século XX, dando-lhes motivo para a ira e, ao mesmo tempo, deixando uma lembrança de seu estilo: “(...) que loucura pensar que a fé e o bom senso nos podem nascer tão naturalmente como os dentes, a barba e o resto”.(Kierkegaard, 1979, p. 226)

Por fim, como notas esparsas sobre o estilo de Kierkegaard e seu preciosismo no cultivo dos gêneros textuais, destaco que seu escrito sobre o desespero tem consciência de sua natureza – “ não é este pequeno escrito o lugar (...) para descrever os pecados um por um” (p. 243) – e de sua dinâmica interna, ao fazer remissões a passagens anteriores, devidamente adaptadas desde uma original situação de gênero oral. Todavia, Kierkegaard não foge da tarefa a que se lançou, na parte expositiva, de seu “sermão”, pois descreve e classifica os tipos de desespero e, sem perder tempo, já deplora alguns deles: “Como descrever sem um grão de sátira esta forma de desespero!” (Kierkegaard, 1987, p. 225) Além disso, todo o texto, por cima de seu meticuloso plano de exposição, está repleto de exclamações, interrogações e reticências.

Kierkegaard varia, de acordo com as circunstâncias evocadas pela tipologia e sob a perspectiva distintiva dos cristãos, da conclamação às admoestações e imprecações, sem deixar de incluir-se como exemplo e testemunho e cuidando de florear sua difícil exposição com anedotas tão cheias de interesse para a psicologia e para a teologia:

“Desespera portanto, e o seu desespero consiste em não querer ser ele próprio. Não que se lhe meta na cabeça o ridículo de querer ser um outro; não se divorcia do eu, e as relações que mantém com ele lembram neste caso os sentimentos que alguém tivesse para com o seu domicílio (o engraçado é que a ligação com o eu nunca é tão frouxa como a dum homem com seu domicílio) se por causa do fumo [fumaça] ou por outro motivo se aborrece dele; esse homem sai então da casa, mas sem a abandonar, sem alugar outra, persistindo em considerá-la como sua, na esperança de que o inconveniente há de desaparecer. Assim como o homem que desespera. Enquanto a dificuldade persiste, não ousa, segundo a expressão literal, regressar a si próprio, não quer ser ele próprio; mas é sem dúvida coisa passageira, talvez muda.

⁵ Agradeço ao Prof. Álvaro Valls, parte da audiência, pela sugestão corretiva.

Entretanto, não faz, por assim dizer, senão raras visitas ao seu eu, para ver se não tem havido mudança (...)" (Kierkegaard, 1987, p. 226)

E, assim como Wittgenstein esperava que seu *Tractatus* pudesse dar prazer a quem o lesse compreendendo, proponho encerrar estas considerações com a apreciação de uma boa anedota, mesmo admitindo estar(mos) longe de compreender seja Wittgenstein, seja Kierkegaard. Eis uma boa imagem para o estranhamento de si mesmo, que joga o desesperado no dilema de querer ser si mesmo e de não querer ser si mesmo:

"Conta-se que um aldeão, que viera descalço para a capital, aí ganhou um par de vinténs, e depois de comprar meias e sapatos, o que lhe sobrou ainda chegou para se embriagar. Diz a história que então, embriagado e querendo regressar à terra, caiu no meio da estrada e adormeceu. Aconteceu passar um carro e o cocheiro gritou-lhe que se desviasse para não ficar com as pernas esmagadas. Então o nosso bêbado acorda, olha as suas pernas e, não as reconhecendo, exclama: "Podes passar por cima, que não são as minhas". (Kierkegaard, 1987, p. 223)

Referências

- BORGES, Bento Itamar. 2004 *Ensaios filosóficos e peripécias do gênero*. Caxias do Sul, EDUCS
- GRIMSLEY, Ronald. 1966 *Soren Kierkegaard and french literature: eight comparative studies*. Wales University Press
- KIERKEGAARD, Soren. 1979 *O desespero humano*; trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo, Abril Cultural (Os pensadores)
- KOYRÉ, Alexandre. 1992 *Considerações sobre Descartes*. Lisboa, Presença
- VALLS, Álvaro L. M. 2000 *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre, EDIPUCRS
- WITTGENSTEIN, Ludwig. 1987 *Tratado lógico-filosófico*; trad. M. S. Lourenço. Lisboa, Calouste Gulbenkian